

## PROFESSOR E ALUNO: QUEM É QUEM ?

**Myriam E. P. R. Barbejat** – [tgmmvri@vm.uff.br](mailto:tgmmvri@vm.uff.br)

**Fabiana R. Leta** – [fabiana@ic.uff.br](mailto:fabiana@ic.uff.br)

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Engenharia Mecânica

R. Passo da Pátria, 156

Niterói – RJ – 24210-240

Fax: (021)717-4446, Tel: (021)620-7070 r.213, 318

24210-240 - Niterói – R.J.

***Resumo.** O volume e a velocidade com que as informações são disponibilizadas na Internet tem facilitado o acesso a todo tipo de conhecimento por parte de qualquer cidadão que saiba navegar e tenha interesse em fazê-lo. Os assuntos da atualidade e as notícias mais recentes sobre o estado da arte das diversas áreas da Engenharia são os temas preferidos e constam das primeiras dúvidas que os alunos levam aos seus professores quando estão motivados com uma disciplina. Não tem sido uma situação incomum o fato de o aluno estar efetivamente mais atualizado do que o professor em assuntos específicos de sua própria disciplina. Se por um lado, o aluno, pela facilidade de lidar com computadores, já ingressa na Universidade sabendo o que quer aprender e sendo praticamente um auto didata; por outro, o professor, muitas vezes ainda cristalizado em suas crenças e modelos antigos de ensino, tende a desacelerar o ritmo do aluno, escondendo-se atrás da própria insegurança por desconhecer o assunto. O presente trabalho propõe uma reflexão por parte dos professores a cerca de seu novo papel como docente, levando-se em consideração também a arte do “aprender a aprender” e como desenvolver esta parceria com o aluno de maneira a fazer dele o seu próprio professor.*

***Palavras-chave:** Ensino, Aprendizagem, Metodologia de Ensino-Aprendizagem, Relação Professor-Aluno*

### 1. INTRODUÇÃO

Quando se pretende definir os possíveis e / ou verdadeiros papéis desempenhados por professores e alunos no ensino superior, torna-se necessário caracterizar a função real do ensino-aprendizado. O progresso notório que as variadas atividades profissionais vêm sofrendo nos últimos anos leva o ensino a ser mais do que um repasse de conhecimentos específicos. Ensinar pressupõe estimular criatividade, permitindo autonomia intelectual e possibilitando novos caminhos e soluções para antigos e novos problemas.

Assim, o melhor aprendizado passa a ser adquirido através da experiência direta, ou seja por meio de tentativa e erro ou ação e conseqüência. O “aprendizado” neste contexto não significa adquirir mais informações, mas expandir a capacidade de produzir os resultados que realmente se deseja. Pode-se dizer que um erro é uma experiência de cujos benefícios ainda não se tirou proveito.

No ensino tradicional, que não exclui o ensino de qualidade, ensinar é apenas transmitir conteúdos sem preocupações quanto a forma de aquisição de conhecimentos por parte do aluno, valorizando-se, deste modo, a memorização. Já no ensino moderno deve-se: estimular a análise, valorizar a criatividade e o questionamento, apresentar o conhecimento de forma interdisciplinar, buscar integração com a pesquisa e aproximação com a realidade, entre outras.

Considerando que o objetivo principal da Universidade nos dias de hoje é formar um profissional competitivo, capaz de solucionar problemas, mantendo os valores sociais, morais e éticos, acredita-se que os métodos e as relações neste processo de ensino-aprendizagem devem ser reformulados e adaptados às mudanças e exigências do mercado.

Atualmente pode-se considerar que a única vantagem competitiva sustentável pode ser a capacidade de aprender mais rápido que seus concorrentes. Esta realidade do mercado competitivo deve ser absorvida pelas instituições de ensino, de modo a ensinar os alunos a aprenderem, para que assim possam estar inseridos no mesmo.

As melhores organizações do futuro serão aquelas que descobrirão como despertar o empenho e a **capacidade de aprender** das pessoas em todos os níveis da organização. O aprendizado faz parte da natureza humana. Neste contexto, pode-se destacar a importância do: domínio pessoal, no qual aprende-se a esclarecer e aprofundar continuamente o próprio objetivo pessoal, a concentrar energias, a desenvolver a paciência e a ver a realidade de maneira objetiva; objetivo comum, quando existe um objetivo concreto e legítimo, as pessoas se empenham e aprendem; e, aprendizado em grupo, o qual começa com o diálogo e estimula a capacidade dos membros de um grupo de levantarem idéias preconcebidas e participarem de um "raciocínio em grupo" (Senge, 1990).

A capacidade de aprender, estimulada através do domínio pessoal, objetivo comum e aprendizado em grupo, deve ser trabalhada não apenas no foco de métodos de ensino-aprendizagem, mas sobretudo na relação entre os membros do grupo. Neste contexto propõe-se um novo olhar sobre estes métodos, amplamente discutidos por diversos autores, sobre o prisma dos resultados das relações interpessoais entre professores e alunos. Apresenta-se, ainda, uma reflexão sobre uma nova relação entre ambos, na qual a inversão de papéis torna-se essencial para um aprendizado mais eficaz para professores e alunos.

## 2. ESTILOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para se compreender as possíveis interações entre professores e alunos torna-se necessário o entendimento das diferenças entre as formas de ensinar e aprender. Tais diferenças muitas vezes levam a um modelo ineficaz de ensino-aprendizagem.

Felder e Brendt (1999) apresentam uma classificação de modelos de ensino-aprendizagem, que leva em conta: canais de comunicação, forma de apresentação e organização dos conteúdos, forma de processamento e compreensão dos alunos, entre outras. Fundamentalmente, apresentam que existe um desencontro entre os estilos de aprendizagem dos alunos e os de ensino dos professores.

Segundo a ciência da Neurolingüística, qualquer tipo de comunicação acontece sob a forma de ao menos três canais diferentes, sendo eles o visual, o auditivo e o cinestésico (Chung, 1994). O professor, portanto, ao saber distinguir estes canais, deve procurar se comunicar em sala, usando os três tipos de linguagem para que sejam contempladas todos os alunos em seus diferentes canais de comunicação. Assim, ao usar recursos visuais, transparências, cor, figuras e palavras que excitem a visualização, como por exemplo, "Você

enxergou onde queremos chegar com esta equação?", o professor estará atendendo à grande maioria dos alunos, que em geral são visuais.

No entanto, existe outro tipo de aluno que parece estar desligado da aula e, às vezes, nem olha para o quadro ou para o objeto que está sendo demonstrado. Sua predominância é o canal auditivo, e o professor terá que usar recursos auditivos para motivar e captar a atenção desse aluno como por exemplo "Esta equação lhe soa bem?".

Finalmente, um terceiro tipo de canal de comunicação se apresenta de alguma forma em todos as pessoas; e quando se fala de aprendizado, talvez seja o mais relevante – o cinestésico. Trata-se da percepção tátil, emocional, internalizada, interiorizada, absorvida, sentida, vivenciada. Neste sentido, é fácil entender porque os laboratórios são tão importantes e atraem tanto a atenção dos alunos. Voltando à questão da equação, o professor poderia atrair a atenção de um aluno cinestésico dizendo "Você está sentindo onde queremos chegar com esta demonstração?".

O professor, no papel de comunicador, tem que estar atento e conhecer bem todas estas técnicas de comunicação não apenas para serem usadas com os alunos, mas também para identificar o seu próprio canal predominante e não se fixar apenas nele.

Quanto a forma de apresentação do tema pelo professor, esta pode se dar de dois modos, seqüencial, um passo a cada vez ou global, no qual o assunto é apresentado de forma conectada. A forma do aluno resolver e compreender um problema pode ser também de maneira global ou seqüencial. O aluno global tem facilidade em resolver um problema complexo sem conseguir explicar seqüencialmente sua solução, sendo assim são ótimos sintetizadores e conseqüentemente pesquisadores criativos. Já os seqüenciais são bons em análise e raciocínio convergente.

O método de ensino quanto a organização pode ser classificado em dedutivo e indutivo. O método dedutivo é aquele que parte de uma formulação geral para uma específica. É um raciocínio no qual a partir do conhecido (regras, princípios) chega-se ao desconhecido (conseqüências e fenômenos), ou seja descobre-se uma verdade a partir de outras conhecidas. Este é o estilo natural e mais comum de ensino superior, pois a partir de princípios estabelecidos torna-se mais fácil compreender e deduzir novos conceitos. Segundo Felder e Brendt (1999) o ensino dedutivo pode ser mais eficiente e efetivo para uso imediato ou retenção por curto período de tempo. O método indutivo parte de uma formulação específica para uma geral, tendo início na observação de experiências ou casos particulares para obter conclusões gerais. Este pode ser considerado melhor para retenção a longo prazo e para transferência de conhecimento. Alunos preferem apresentação dedutiva mas aprendem melhor indutivamente.

Com relação ao processo ensino-aprendizagem, que ocorre dentro e fora da sala de aula, podem-se destacar alguns mecanismos relevantes afetos ao aluno.

Os alunos, quanto à percepção do assunto tratado em aula, podem ser sensitivos ou intuitivos. Os primeiros focam a informação de modo sensorial, ou seja para eles importa o que é visto, ouvido ou tocado. Já os intuitivos focam em idéias, memórias e possibilidades. Os sensitivos observam o que está ocorrendo, necessitando para isso de fatos e dados, enquanto que os intuitivos buscam significados preferindo teoria e modelos. Apesar da grande maioria da população ser sensitiva, os professores tendem a ser intuitivos, focando o ensino em regras e fórmulas, valorizando a repetição com método.

Existem três formas de processamento possíveis dos alunos, a saber: ativo, reflexivo e passivo. Os alunos ativos processam informações enquanto estão realizando alguma coisa ativa, enquanto os reflexivos processam de modo introspectivo. Os ativos experimentam para compreender enquanto os reflexivos preferem compreender antes para depois agir. Modelos de aprendizagem ativa vêm sendo fortemente adotados em museus de Ciência, nos quais os visitantes são motivados a experimentar práticas que levam a conclusões de conceitos físicos

ou apenas a aquisição de novos conhecimentos. Os alunos passivos são aqueles que não se motivam com o aprender, provavelmente porque não há objetivos comuns ou porque seu canal de comunicação não foi acessado.

Apesar de não existir uma escala do que seja melhor ou pior, é importante que esta predominância pessoal seja identificada para que os componentes de um grupo, que se organiza para aprender e ensinar, possam se complementar e desenvolver suas potencialidades menos ativas.

### **3. O DESAFIO DO PROFESSOR: ENSINAR**

Quando se fala no papel do professor, ainda se pensa, embora seja um paradigma em extinção, naquela pessoa que ensina, que transfere informações e conceitos, que tem as respostas e que tem a “obrigação” (carregando o peso da responsabilidade) de esclarecer todas as dúvidas de seus alunos.

Felizmente, este conceito está mudando, podendo-se citar Paulo Freire (1998) quando diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua criação ou construção autônoma. O professor deve perceber-se como ser histórico, inacabado, que busca o aperfeiçoamento assim como os alunos”.

O professor deve oferecer sugestões e não prescrições, o aluno descobrindo por si só fixa a matéria. Não se deve impor um estilo de aprendizagem ao aluno, pois cada um tem seu próprio estilo.

Segundo Castanho, “urge pensar numa nova forma de pensar e aprender, que inclua a ousadia de inovar as práticas de sala de aula, de trilhar caminhos inseguros, expondo-se, correndo riscos, não se apegando ao poder docente, com medo de dividi-lo com os alunos e também de desvencilhar-se da racionalidade única e por em ação outras habilidades que não as cognitivas apenas”. Ensinar aos alunos num contexto que valorize a autonomia, a criatividade, a criticidade e a dúvida epistemológica não é fácil. Porém sem mudar a avaliação assentada na visão do certo e errado, isto será indubitavelmente impossível (Veiga e Castanho, 2000).

Os seres humanos aprendem melhor por intermédio da experiência própria, ou seja por tentativa e erro. Esta forma, “aprender fazendo”, funciona quando após a ação, observam-se as conseqüências e fazem-se os ajustes necessários. Assim para ser eficaz deve-se apresentar o *feedback* das ações rapidamente.

Na outra face da moeda, do paradigma em extinção sobre o papel do professor, ainda se pode verificar que o senso comum entende que o papel do aluno é aprender, absorver, receber informações, numa atitude quase passiva. O aluno teria apenas o direito de aprender enquanto o professor o dever de ensinar.

Mesmo levando em consideração todos os métodos aqui comentados, ainda predomina, tanto para os professores, quanto para os alunos que o papel do professor é ensinar (independente do método) e o do aluno é aprender (independente dos recursos internos e externos que ele consiga acessar). Ou seja, nos modelos clássico ou tradicional e moderno (Gil, 1997) observa-se um esforço, focalizado separadamente, em como o professor pode ensinar melhor ou como o aluno pode aprender melhor.

Alguns alunos ainda chegam na Universidade com esta expectativa, embora já saibam, por outro lado, reclamar quando são tratados como “apenas alunos” e não como indivíduos co-responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem.

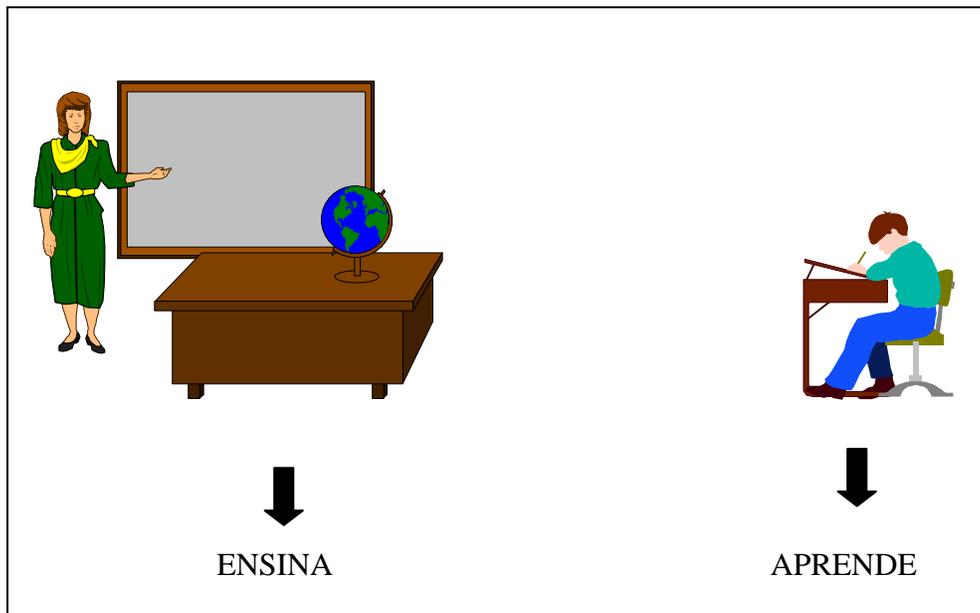


Figura 1- Relação professor - aluno: paradigma tradicional e moderno.

Nesta realidade, a criatividade como princípio metodológico na prática de ensino possui um papel fundamental. A criatividade pode ser percebida segundo os seguintes critérios: sensibilidade aos problemas, estado de receptividade, flexibilidade, originalidade, atitude para transformar, análise, síntese e organização coerente (Veiga e Castanho, 2000).

O pensamento divergente é criador, inovador, exploratório, interdisciplinar, aventureiro, intuitivo, enquanto que o convergente é cauteloso, metódico e conservador. Assim o pensamento divergente é a criatividade. Para formar profissionais criativos torna-se necessário desenvolver o pensamento divergente, que necessita de informações armazenadas originárias do pensamento convergente.

Ensinar a ser criativo, além de possível, passa a ser fundamental nos novos projetos pedagógicos em todos os campos do conhecimento.

Apesar de ser possível e fundamental, a maioria dos professores universitários não está preparada para esta difícil e nobre tarefa: ensinar com criatividade, promovendo o "aprender a aprender" e se inserir neste aprendizado. De certa forma, os professores não são culpados por este despreparo, pois nem a LDB contribui para o estímulo à prática pedagógica no ensino superior, quando estabelece: "A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá a prática de ensino, de no mínimo trezentos e sessenta horas" (LDB, 1997).

O professor só é valorizado pela sua titulação e quantidade de trabalhos científicos publicados. Até as Escolas de Educação encontram resistência para oferecerem aos colegas professores universitários de outras áreas (como por exemplo da Engenharia) cursos ou oficinas de treinamento, tamanha a desvalorização destas atividades observada nos critérios de avaliação do docente.

Diante deste contexto, de nada adianta permanecer desestimulado. Urge, portanto, que se tome uma iniciativa, pelo menos criativa.

#### 4. NOVO DESAFIO DO PROFESSOR: APRENDER COM O ALUNO

A solução vislumbrada para a questão do desafio do professor em sua tarefa de ensinar e também de aprender, sugerida no presente trabalho, é a **parceria professor-aluno**. Nesta parceria, que pode ser silenciosa ou declarada (através de um termo de compromisso, por

exemplo), o professor "deverá" ensinar e aprender e o aluno "deverá" aprender e ensinar, o diálogo e a paciência devem prevalecer, os objetivos pessoais de ambos devem estar claros, assim como a concentração de energias no objetivo comum.

Desta maneira, professores e alunos, em seus papéis oficiais ou invertidos, podem usar e abusar de todas aquelas metodologias de ensino-aprendizagem (discutidas no item 2), e podem até criar novas metodologias ao mesmo tempo.

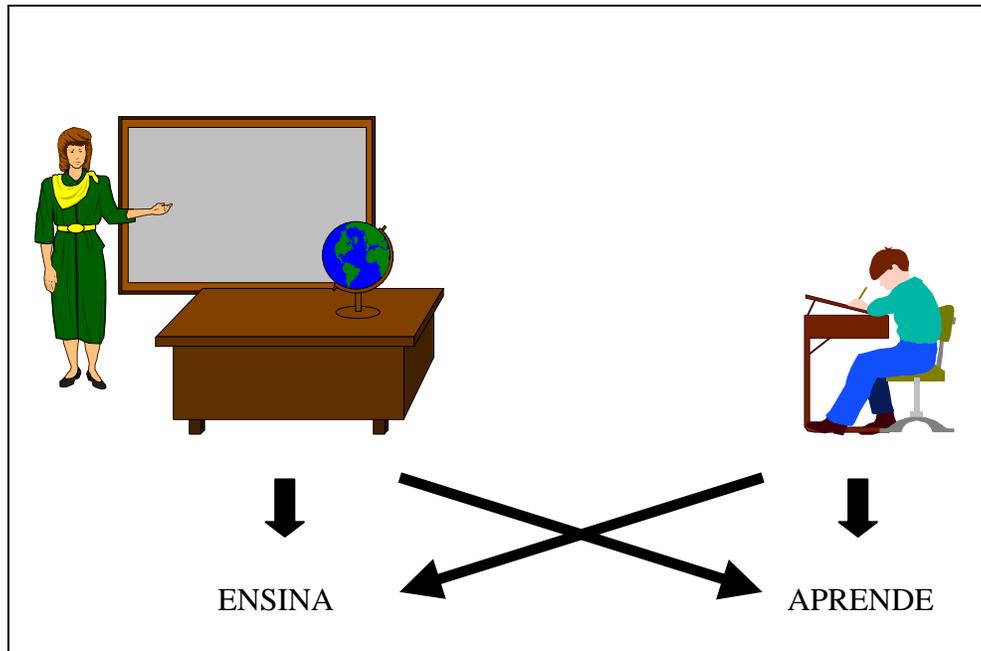


Figura 2 - Paradigma proposto.

Neste paradigma, ora proposto, tanto o aluno quanto o professor são igualmente importantes no processo de ensino-aprendizagem. Observa-se uma inversão saudável de papéis na relação professor-aluno. O professor pode assumir a condição de aprendiz e o aluno pode assumir o papel de professor. Para isso, o professor precisa demonstrar capacidade de aceitar as mudanças, de reconhecer seus erros e limitações diante do aluno, precisa ter humildade para aprender com o aluno, que, por motivos econômicos, sociais e familiares tem o exercício precoce de uma profissão que ele ainda vai aprender na Universidade, através de emprego ou estágio.

As contribuições, relativas às experiências do trabalho, que o aluno traz para dentro de sala podem enriquecer os demais colegas, não apenas em conteúdo, como também representam atualizações dos assuntos tratados em sala de aula. Muitas vezes os alunos comentam que o professor "só dá aula", "não trabalha"; neste sentido estas contribuições estariam poupando tempo de pesquisa deste professor que realmente "não trabalha fora da Universidade". Além disso o aluno pode testemunhar os novos valores, competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho.

Para dar certo, esta parceria deve implicar numa certa cumplicidade em constante construção. O aprendizado se concretiza numa dimensão mais profunda à medida que professor e aluno desenvolvem suas habilidades de comunicação interpessoal, que segundo Gardner (1998) "revela-se através de uma competência especial em relacionar-se bem com os outros, em perceber seus humores, suas motivações, em captar suas intenções, mesmo as menos evidentes, em descentrar-se...". Portanto, nada mais atual nesta proposta do que o

exercício de cada um deixar de ser o centro das atenções (o foco principal - Figura 1) para ambos se concentrarem num objetivo comum, e no pensamento do grupo.

Questões como: o respeito pelos problemas pessoais do aluno, a aceitação das limitações do professor (como por exemplo, em alguns casos, a pouca habilidade em lidar com computadores), a rebeldia do aluno jovem cheio de energia e a falta de paciência do professor cansado e às vezes desestimulado e até mesmo a rigidez de pensamento (culminando com atitudes autoritárias) de professores que se cristalizam em seus paradigmas antigos, podem ser percebidas e assimiladas de maneira diferente por ambas as partes. Estes exemplos representam situações que acontecem no dia-a-dia de um relacionamento entre professor e aluno, sendo determinante a percepção destes para se obter resultados mais eficazes do que aqueles obtidos quando percebia-se um abismo na relação entre ambos.

Na Tabela 1 apresenta-se um quadro comparativo com três tipos de relação professor-aluno analisados: tradicional, moderno e parceria.

Tabela 1 - Tipos de relações professor-aluno.

<b>TRADICIONAL</b>	<b>MODERNO</b>	<b>PARCERIA</b>
- O mais importante é o professor (ensino focado no professor).	- O mais importante é o aluno (ensino focado no aluno).	- Não existe o mais importante, ambos são importantes.
- O professor transmite conhecimento.	- O professor facilita o aprendizado.	- O professor e o aluno aprendem.
- O aluno absorve.	- O aluno participa.	- Co-participação.
- O professor apresenta soluções.	- O professor instiga as soluções.	- Professor e aluno solucionam problemas em conjunto.
- Abismo na relação professor - aluno.	- Aproximação entre professor-aluno.	- Parceria entre professor-aluno.
- Aumento de conteúdo técnico do aluno.	- Crescimento pessoal e profissional do aluno.	- Crescimento profissional e desenvolvimento interpessoal do professor e aluno
- O professor não erra.	- O professor pode errar.	- O professor declara e discute seus erros e limitações com os alunos.

Percebe-se que o foco do ensino tradicional estava no professor, depois passou a se concentrar no aluno e na atual visão o foco encontra-se na parceria.

As vantagens desta nova visão são inúmeras:

- a carga da responsabilidade do professor pelos conteúdos atualizados reduz pois é compartilhada com o aluno;
- o aluno desfruta desde cedo das conseqüências (positivas) de seus atos de responsabilidade e das negativas pela sua irresponsabilidade, se for o caso;
- o aluno desenvolve sua auto-estima por se sentir valorizado em suas contribuições em sala de aula, no papel do professor;
- o aluno exercita academicamente a realidade profissional futura que é trabalhar em grupo com objetivos comuns;
- o professor exercita a humildade de aprender e se renovar.

É importante salientar que o fato de o professor assumir o papel de aluno não exclui o respeito que deve existir sempre nesta relação, assim como a preservação dos valores morais e éticos. Também não exclui a sua busca de aperfeiçoamento profissional fora desta parceria.

Explorar as diversidades de formas de ensinar e aprender de alunos e professores torna-se enriquecedor e produz resultados mais contundentes, além de aumentar as competências individuais dos membros da equipe, ou seja do professor e do aluno (parceiros).

## 5. EXPERIÊNCIAS DE PARCERIA

Para aprender a aprender é preciso antes de tudo querer. O professor pode e deve dar o primeiro passo em direção à concretização desta parceria. Entretanto, muitas vezes o primeiro passo é dado pelo próprio aluno, e, o professor não percebe. Isto pode ser observado nos primeiros períodos de contato do aluno com o professor, quando a primeira atitude do aluno é a de acreditar no professor como um grande detentor do conhecimento, e, com isso buscar uma aproximação. O aluno chega na sala de aula com uma gama de informações, proveniente muitas vezes de pesquisas na Internet, que não sabe bem como utilizar, o que também gera uma grande expectativa, e o professor, em muitos casos, não se encontra suficientemente atualizado para lidar com estas novas informações. Na verdade é um desafio para todos, professores ou não, aproveitar esta oportunidade de aprender com o próximo.

A opção pela parceria professor-aluno justifica-se, também, devido ao fato de que as pessoas aprendem com mais rapidez quando sentem que são realmente responsáveis pelos seus atos. Assim uma forma eficaz de ensino é descentralizar, ou seja: transferir as decisões para baixo na hierarquia organizacional (professor -> aluno), dar liberdade de ação deixando que as pessoas testem suas idéias e assumam a responsabilidade dos resultados obtidos.

Uma técnica, que estabelece claramente as responsabilidades das partes (professor-aluno), consiste na elaboração de um termo de compromisso logo no primeiro encontro. Neste termo de compromisso podem constar os horários, tipos de critérios de avaliação, as responsabilidades por determinados conteúdos, os locais dos encontros e um programa básico a ser cumprido durante o período, compatível com as novas atividades que podem surgir da criatividade do grupo.

À medida que a comunicação entre professor-aluno cresce é impossível, nos dias de hoje, com a facilidade da Internet, não se trocar mensagens contendo informações sobre diversos assuntos tanto relativos ao conteúdo, como sobre as novidades do mercado de trabalho, eventos de caráter profissional ou comportamental, etc. Enfim, a relação de parceria e aprendizado acaba se estendendo além da sala de aula e além do período definido oficialmente para discussão de determinada disciplina. Assim, a Internet passa a ser também uma ferramenta a mais na consolidação desta parceria.

Algumas das atividades, experimentadas e/ou observadas pelas autoras no curso de Engenharia Mecânica da UFF, cabem ser citadas como exemplos de parcerias professor-aluno:

- Pesquisa aplicada - Os alunos são estimulados a realizar pesquisas em temas da atualidade, complementares ao conteúdo programático da disciplina. Nesta atividade o professor se atualiza com as novas informações trazidas pelos alunos.
- Apresentação de seminários pelos alunos - Nestes seminários os alunos experimentam a função de ensinar e os professores podem aprender, com os alunos, novos conhecimentos, quando os seminários referem-se às pesquisas aplicadas. Esta atividade pode ser realizada também por alunos de outras disciplinas, o que estimula a auto-estima de todos os alunos.

- Discussão de temas - Motivam-se estudos orientados em grupo. Uma prática que implica num comprometimento dos alunos e do professor consiste no chamado "grupo de cumbuca", no qual um tema previamente estudado por todos é discutido pelo grupo sobre a condução e orientação de um dos participantes sorteados entre os presentes. Este participante pode ser aluno ou professor, em ambas as situações o papel desempenhado pelo mesmo é o de ser professor.
- Solução de problemas - Indicar um problema aberto, sem uma solução definida ou com mais de uma possível solução, estimula o aprendizado ativo dos alunos e pode trazer para o professor uma nova ótica sobre o problema.
- Dinâmicas de grupo - Na realização de dinâmicas de grupo comportamentais os alunos recebem e dão *feedback* tanto para os colegas quanto para o professor. Esta atividade é um reforço, para o professor e para os alunos, ao diálogo, à cumplicidade e ao comprometimento com o aprimoramento pessoal.
- Provas - Esta atividade pode ser usada como um mecanismo de avaliação de resultados e não de punição. Pode ser enriquecida quando é dada a possibilidade de escolha de tema, de auto correção, de correção por parte do colega, etc..
- Organização de eventos - Um exemplo é o Simpósio de Engenharia Mecânica da UFF que vem sendo organizado por alunos do PET, como um mecanismo de aproximar o mercado de trabalho do ensino. Os alunos experimentam e resolvem as dificuldades correlatas, que envolvem desde a busca de patrocínios, o contato com empresas, a organização das atividades e conteúdos do evento, a alocação de recursos, a definição de objetivos e público alvo, entre outras. Muitas destas questões fazem parte do cotidiano do professor. Por outro lado o professor aprende com as soluções criativas dos alunos.
- Estágio curricular - Nesta disciplina a experiência dos alunos adquirida nos estágios é trazida para sala de aula, para o conhecimento e aprendizado do professor e dos colegas. Esta é uma oportunidade para todos, pois a diversidade de áreas possíveis de estágio torna impossível a experimentação real do grupo.
- Mini-Cursos - O estímulo à organização de mini-cursos ministrados pelos alunos deve ser feito quando observado que a bagagem extra-curricular destes é relevante e enriquecedora para a formação dos demais alunos.

Muitas destas atividades vêm sendo realizadas por diversos professores em sua prática de ensino, e não representam novidade para os mesmos. Entretanto, em muitos casos a experimentação destas não leva à reflexão, por parte do professor, sobre a parceria, não declarada, que se estabelece entre professor-aluno, quando da realização das mesmas.

## 6. CONCLUSÕES

Para um ensino de parceria, o professor deve compreender as necessidades de seus alunos e para isso torna-se necessário que ele compreenda as necessidades do próximo, de um modo geral. Compreender o próximo é possível quando os papéis são invertidos. O primeiro passo da parceria é o professor experimentar ser aluno, estar aberto para aprender com o aluno, acreditando na sua capacidade e valorizando sua criatividade.

Embora seja muito comum ouvir depoimentos de professores, principalmente em discursos de formatura, sobre o quão gratificante é a função do professor, citando suas experiências de aprendizado neste relacionamento em sala de aula, a presente proposta não trata apenas de reconhecer isso ao final do processo, mas de começar o processo com uma ação deliberada e uma metodologia de trabalho em parceria.

O estabelecimento desta parceria, na qual professor e aluno possuem igual importância no processo de ensino-aprendizagem, leva a um crescimento mútuo, não apenas profissional mas especialmente interpessoal. Um exemplo de crescimento mútuo é o professor capaz de reconhecer seus erros, e, com isso venha a se aproximar dos alunos, que podem aprender junto com o mesmo a acertar. O exercício de parceria leva em conta uma convivência, com respeito e responsabilidade, entre partes tão próximas, que, entretanto, para muitos parecem tão distantes.

Em resumo, apontar quem é quem no processo de ensino-aprendizagem pode ser feito, na ótica de um novo paradigma, explicitado por Aveline (1996): "O grande desafio da vida é aprender o que vale a pena ser aprendido e usar bem o que sabemos - ou pensamos que sabemos. De qualquer modo, uma coisa é certa: a lei da evolução impõe que cada um seja o tempo todo aluno e professor. De fato os trilhões de seres vivos do planeta formam uma única e grande comunidade de aprendizado".

## 7. REFERÊNCIAS

- Aveline, C.C., Apontando para o Futuro, Ed. FEEU- Prajna Paramita, 1996.
- Chung, T. - Qualidade Começa em Mim: Manual Neurolingüístico de Liderança e Comunicação, Ed. Maltese, SP, 1994.
- Felder, R. M. e Brent, R. - Problemas em Sala de Aula? Ensino Efetivo: uma Oficina, Viçosa, 1999.
- Freire, P., A Pedagogia da Autonomia, Ed. Paz e Terra, 1998.
- Gardner, H. - Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática, Ed. Artes Médicas, 1998.
- Gil, A. C. - Metodologia do Ensino Superior, Ed. Atlas, 1997.
- LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394 de 1996, 2ª ed.. Brasília: Senado Federal, 64 p., 1997.
- Senge, P. M. , A Quinta Disciplina , Ed. Best Seller, 12ª ed. , 1990.
- Veiga, I. P. A. e Castanho, M. E. L. M., Pedagogia Universitária – A Aula em Foco, Ed. Papyrus, Campinas – SP, 248 p., 2000.